



FLORA • VEGETAÇÃO • ETNOBOTÂNICA

Etnobotânica sobre plantas medicinais de conhecedores locais de São José do Jacarequara, Pará

Jandson José do Vale Guimarães¹

Escola Superior de Agricultura ‘Luiz de Queiroz’

Raquel Lopes Nascimento²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Louise Ferreira Rosal³

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

RESUMO

Este trabalho objetivou realizar um estudo etnobotânico das espécies utilizadas na comunidade quilombola São José do Jacarequara, Acará, PA. Fez-se aplicação de um formulário semiestruturado e a seleção dos entrevistados ocorreu por meio da técnica de *snowball*. Os entrevistados foram categorizados em idades entre 30 e 70 anos, sendo 18 mulheres e dois homens. Todos viviam na comunidade, eram agricultores, cristãos e pretos. Cultivavam a maioria das plantas medicinais que consumiam nos próprios quintais. A transmissão do conhecimento, principalmente, era proveniente das mães, avós e vizinhas. A motivação para o uso das plantas medicinais relacionava-se à confiança na cura e à apresentação de menor impacto à saúde. A planta mais citada foi a hortelã, utilizada para problemas gripais e correlatos. A parte da planta mais utilizada foi a folha. A principal forma de preparo foi o chá. Houve predominância das mulheres no que diz respeito ao conhecimento das plantas medicinais, e a transmissão dele é feita, especialmente, dentro do núcleo familiar.

Palavras-chave: Conhecimentos tradicionais; Fitoterapia; Uso popular; Nordeste paraense.

Ethnobotany of medicinal plants from local knowledge holders of São José do Jacarequara, Pará

ABSTRACT

This work aimed to conduct an ethnobotanical study of the species used in the São José do Jacarequara quilombola community, Acará, PA. A semi-structured

¹ Engenheiro Agrônomo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Mestrando em Fitopatologia na Escola Superior de Agricultura ‘Luiz de Queiroz’ (ESALQ/USP), Piracicaba, São Paulo, Brasil. Endereço para correspondência: Av. Pádua Dias, 11 - Agronomia, Piracicaba, São Paulo, Brasil, CEP: 13418-900. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8638-1112>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2399336818268420>. E-mail: guimaraesjandson@usp.br.

² Engenheira Agrônoma pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Mestranda em Desenvolvimento Rural e Empreendimentos Agroalimentares no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Castanhal, Pará, Brasil. Endereço para correspondência: BR 316, Km 61 - Saudade - Cristo Redentor, Castanhal, Pará, Brasil, CEP: 68740-970. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7832-0010>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9416906085703297>. E-mail: raquellopesdc@gmail.com.

³ Doutorado em Agronomia pela Universidade Federal de Lavras (UFLA). Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Castanhal, Pará, Brasil. Endereço para correspondência: BR 316, Km 61 - Saudade - Cristo Redentor, Castanhal, Pará, Brasil, CEP: 68740-970. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5514-1490>.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5242357934945921>. E-mail: louise.rosal@ifpa.edu.br.

questionnaire was applied, and the selection of interviewees was conducted using the snowball technique. The interviewees were categorized by age, ranging from 30 to 70 years old, with 18 women and two men. All who lived in the community, were farmers, Christians, and blacks. They cultivated most of the medicinal plants they consumed in their own backyards. The transmission of knowledge mainly came from mothers, grandmothers, and neighbors. The motivation for using medicinal plants was related to trust in their healing properties and their lower impact on health. The most frequently cited plant was mint, which is used for colds and related issues. The most commonly used part of the plant was the leaf. The main preparation method was tea. Women predominated in terms of knowledge about medicinal plants, and this knowledge is especially transmitted within the family unit.

Keywords: Traditional knowledge; Phytotherapy; Popular use; Northeast Pará.

INTRODUÇÃO

As plantas medicinais podem ser consideradas uma das formas mais antigas de práticas terapêuticas, a partir de registros que datam desde 60.000 anos a.C., especialmente, nos continentes asiático e europeu (Rocha et al., 2015; Saraiva et al., 2015). No Brasil, a utilização dessas plantas relaciona-se à influência da miscigenação de vários povos, principalmente os indígenas, africanos e europeus (Costa, 2013).

A Amazônia, de forma geral, é referenciada como a detentora da maior reserva de produtos naturais com propriedades medicinais do planeta e, dada essa importância e biodiversidade, a sua flora desperta o interesse da comunidade científica e de indústrias farmacêuticas (Benini et al., 2010). Na região Norte do Brasil, o uso de remédios caseiros a partir de plantas medicinais é amplamente difundido nas comunidades ribeirinhas e quilombolas (Maia et al., 2016; Ferreira; Rodrigues; Costa, 2017).

A disseminação de informações a respeito dos fitoterápicos, no Brasil, deve-se, principalmente, ao alto custo e à elevada toxicidade dos medicamentos sintéticos e dificuldade ou ausência de acesso aos serviços de saúde pelas comunidades, o que resulta em uma maior procura por medicamentos de origem vegetal (Batista; Valença, 2012).

Essa demanda por alternativas acessíveis e eficazes levou ao reconhecimento da fitoterapia como uma solução viável. Santos et al. (2011) classificam a fitoterapia como um recurso acessível, de relativa eficácia, baixo custo e de fácil incorporação em preparos caseiros, podendo assim ser utilizada para suprir a ausência de medicamentos sintéticos, ou ainda em substituição a estes. Assim, para além do critério econômico e toxicológico de medicamentos sintéticos, a fitoterapia é também vista como uma escolha, que reflete o caráter simbólico de cuidado com o corpo, cuja relação remete à ancestralidade e à identidade de um grupo social.

Nesse contexto, as plantas medicinais têm sido amplamente reconhecidas por suas propriedades terapêuticas e seu uso ancestral para tratar uma variedade de problemas de saúde humana. Estudos científicos destacam sua eficácia no alívio de distúrbios gastrointestinais (Lins; Medeiros, 2015), no auxílio ao tratamento de doenças cardiovasculares e câncer (Dufresne; Farnworth, 2001), bem como na melhoria de doenças respiratórias (Feijó et al., 2013), entre outros benefícios.

Conforme Amorozo (2002), as práticas relativas à fitoterapia vêm sofrendo interferência direta da medicina ocidental moderna, e também pela falta de interesse da população jovem em relação aos usos desses saberes, ameaçando o desaparecimento da transmissão oral transgeracional. Dessa forma, a etnobotânica, como ciência, busca registrar e preservar as informações acerca do uso das plantas que fazem parte do saber adquirido com o passar do tempo (Freitas et al., 2011).

Dada as características inerentes às práticas terapêuticas, é essencial o reconhecimento das plantas medicinais utilizadas pelas populações tradicionais. Nessa perspectiva, a comunidade quilombola São José do Jacarequara, localizada em Acará, Pará, é uma dessas localidades que guarda memórias bioculturais valiosas. Essa região possui uma rica tradição de saberes tradicionais e uso de produtos naturais com propriedades medicinais, o que a torna fundamental para o estudo das plantas medicinais.

Estudos anteriores realizados entre os anos 2010 e 2014 caracterizaram a comunidade quilombola São José do Jacarequara como uma pequena vila localizada às margens do igarapé Jacarequara, próximo às comunidades Itapoama e Tapera. Com mais de 150 anos de existência, essa comunidade era composta por 33 famílias, com forte tradição no uso de remédios caseiros à base de plantas medicinais. O posto de saúde local exercia um papel importante no atendimento de saúde da comunidade, por meio do fornecimento de medicamentos e tratamento de doenças e ferimentos leves (Silva et al., 2021a).

Com base na relevância da comunidade quilombola São José do Jacarequara no âmbito das plantas medicinais e da necessidade de preservar e registrar os conhecimentos tradicionais associados a essas práticas terapêuticas, o objetivo deste estudo consistiu em realizar um levantamento etnobotânico das espécies utilizadas pelos conhcedores locais dessa comunidade.

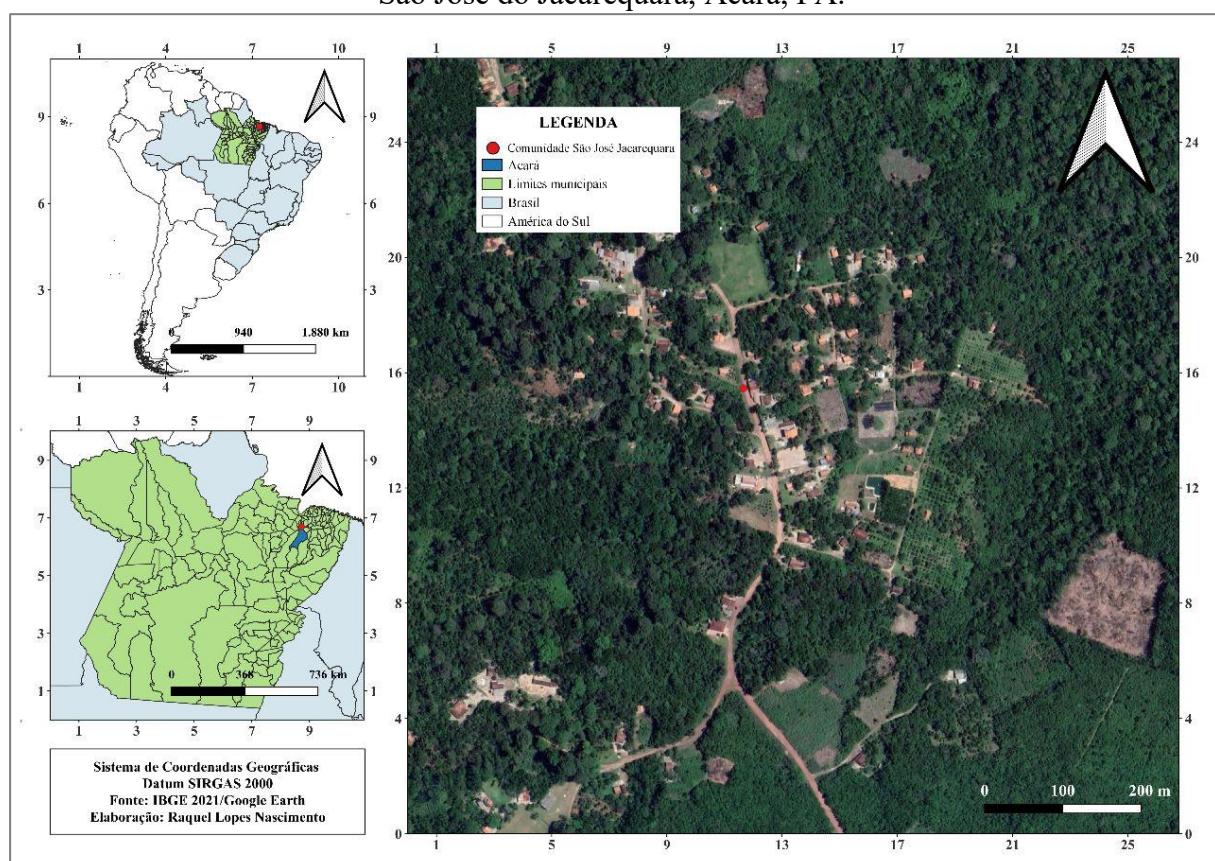
MATERIAL E MÉTODOS

O levantamento etnobotânico das plantas medicinais na comunidade quilombola São José do Jacarequara, localizada em Acará, Pará (Mapa 1), foi conduzido em junho de 2023. A caracterização da comunidade foi baseada em um estudo prévio realizado entre os anos 2010 a 2014, por Silva et al. (2021b), que descreveu a comunidade como uma pequena vila próxima ao igarapé Jacarequara, limitada pelas comunidades Itapoama e Tapera. A principal atividade produtiva das famílias era o cultivo de mandioca para a produção de farinha. Além disso, elas estavam envolvidas na coleta de açaí, na produção de carvão e na comercialização de frutos sazonais, como cupuaçu e castanha-do-pará. Um posto de saúde está presente na comunidade, que era composto por duas enfermeiras e um médico que atendiam duas vezes por semana, oferecendo medicamentos e tratamento para doenças e ferimentos leves. Em casos mais graves, os moradores eram encaminhados para a capital do estado em busca de atendimento especializado.

A coleta de informações deu-se a partir de uma reunião com a diretoria da Associação Quilombola dos Moradores e Agricultores do São José do Jacarequara (ARQMASJ), balizada pela Incubadora Tecnológica de Inovação e Desenvolvimento de Cooperativas e Empreendimentos Solidários (INCUBITEC) do IFPA Campus Castanhal, que estava

planejando a oferta de treinamentos técnico-produtivos para os membros da associação. Na oportunidade, foram obtidas informações atualizadas sobre a comunidade. Na ocasião, em 2023, a comunidade possuía 65 núcleos familiares, sendo que 60 deles eram membros da ARQMASJ, cuja fundação data do ano 2017. Além das atividades econômicas já mencionadas em estudo anterior, observou-se um aumento na produção de hortaliças como fonte adicional de sustento. Esses dados atualizados são essenciais para uma compreensão abrangente do contexto socioeconômico da comunidade e para a condução do levantamento etnobotânico das espécies utilizadas com fins medicinais.

Mapa 1 - Representação cartográfica da localização geográfica da comunidade quilombola São José do Jacarequara, Acará, PA.



Fonte: Elaboração pelos autores (2023).

A coleta dos dados foi realizada com base em uma abordagem quanti-qualitativa (Albuquerque et al., 2010). A pesquisa foi apresentada aos envolvidos na reunião e, em seguida, foram conduzidas entrevistas utilizando formulários semiestruturados, que abordavam o uso de plantas medicinais e questões socioculturais.

A seleção dos entrevistados foi realizada por meio da técnica de bola de neve (*snowball*), um método de amostragem que se baseia em referências em cadeia para formar uma rede de coleta de informações (Baldin; Munhoz, 2011). Nessa abordagem, a primeira entrevistada foi a presidente da Associação, por ser considerada uma importante conhecedora local sobre o uso de plantas medicinais. Seguidamente, ela fez uma indicação que se desdobrou até o vigésimo

entrevistado, isto é, cada interlocutor sugeriu um nome que julgava poder contribuir com a pesquisa. Essa estratégia foi particularmente útil no contexto de um grupo menor, pois a identificação e recrutamento de participantes por meio de métodos convencionais seriam mais desafiadores.

A técnica de bola de neve é reconhecida como uma abordagem eficaz para acessar informações valiosas por meio de redes pessoais e para obter uma amostra representativa em estudos com grupos mais restritos, de acordo com Bockorni e Gomes (2021). Ao aproveitar as conexões existentes entre os participantes, é possível alcançar uma ampla gama de perspectivas e conhecimentos relevantes para a pesquisa. A técnica permite a expansão gradual da amostra por meio das recomendações de participantes anteriores, garantindo a diversidade e a representatividade dos dados coletados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Caracterização social dos entrevistados

Os entrevistados foram categorizados em idades entre 30 e 70 anos, com uma média de 57 anos de idade. Destes números, 18 são representados por mulheres e dois por homens. A predominância de mulheres entrevistadas também foi destacada por Nascimento et al. (2020) no estudo sobre aspectos etnobotânicos na comunidade quilombola Conceição de Mirindeua, Moju (PA), e isso ressalta a relevância delas no uso e na transmissão de saberes sobre as plantas medicinais.

São naturais dos municípios de Belém, Bujaru e Acará, mas todos residem, atualmente, em espaço rural, com internet. Todos denominam-se agricultores, adeptos da religião protestante e se autodeclararam pretos. O número de filhos das famílias varia de um a seis.

O quintal como abrigo das plantas medicinais

Definido como um espaço de produção complementar a outras formas de uso da terra, o quintal destaca-se pela contribuição econômica na renda familiar, constituindo fonte disponível de recursos alimentícios e medicinais (Pasa et al., 2005). Além disso, Lok e Mendez (1998) ressaltam a importância dos quintais na manutenção da fertilidade do solo, uma vez que é comum a utilização de compostos orgânicos, como dejetos de animais, restos vegetais, cinzas e terra transportada das matas, com o intuito de fortalecer o espaço que é ocupado por uma variedade de plantas.

Os quintais são áreas localizadas nas proximidades das casas onde se cultivam diversas espécies para autoconsumo e comercialização como produto alimentício, medicinal, ornamental, dentre outros. Refletem o modo de vida das famílias e as tradições locais (Ribeiro; Guarim Neto, 2016). Esses espaços são comuns em áreas urbanas e rurais, onde permitem a unificação da coleta e acesso aos recursos vegetais (Moura et al., 2016), evidenciando a relação marcante entre ser humano e planta (Gonçalves; Lucas, 2017).

As plantas medicinais cultivadas nos quintais são elementos que mantêm a biodiversidade, a qual, somada à riqueza étnica das populações tradicionais indígenas, quilombolas, ribeirinhos e atores da agricultura familiar, ressalta suas potencialidades para o tratamento de diversos problemas relacionados à saúde humana (Maia, 2017).

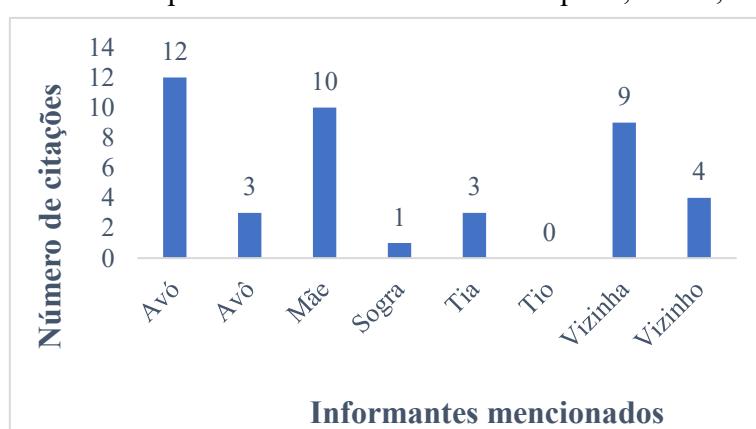
Neste trabalho, os participantes afirmaram possuir, nos próprios quintais, a maioria das plantas medicinais consumidas. Esta condição facilita a aquisição das plantas e reduz a dependência logística entre a casa e o comércio. Em trabalhos de levantamentos semelhantes, autores apontaram a importância desse espaço para o cultivo de plantas, incluindo as medicinais (Xipaia; Parente; Barros, 2022; Leandro; Jardim; Gavilanes, 2017). O trabalho de Vasquéz, Mendonça e Noda (2014), cuja abordagem foi a etnobotânica de plantas medicinais no município de Manacapuru, Amazonas, demonstrou que as plantas medicinais são obtidas, especialmente, nos quintais ou locais próximos.

De acordo com Oakley (2004), o espaço conhecido como quintal funciona como uma área de “despensa” para as mulheres, da qual se pode colher frutos, condimentos, verduras, entre outros produtos, que podem compor as refeições do dia a dia, garantindo, à família, acesso total ou parcial a uma dieta saudável. Conforme Amorozo e Gély (1988), a figura feminina detém mais conhecimento das plantas cujo crescimento se dá ao redor das casas, no quintal e no sítio, enquanto o homem conhece mais as plantas do mato. Assim, em função do espaço ocupado pelas mulheres em suas residências, isso complementa o fato de a maior parte dos entrevistados ser do gênero feminino.

Aquisição e propagação de conhecimento

Em relação ao nível de conhecimento, três entrevistados consideram saber muito a respeito das plantas medicinais, três consideram conhecer o suficiente para as necessidades especiais e 14 consideram ter conhecimentos básicos sobre o assunto. A transmissão do conhecimento, na maior parte, é proveniente das avós, mães e vizinhas, nessa ordem. Em menor frequência, foram citados avôs, tia e sogra, não havendo outras menções (Figura 1).

Figura 1 – Autores responsáveis pelo repasse de saberes aos conhecedores locais da comunidade quilombola São José do Jacarequara, Acará, PA.



Fonte: Elaboração pelos autores (2023).

A predominância de mulheres como pesquisadoras e detentoras do conhecimento relacionado ao uso de plantas medicinais é relativamente comum nos trabalhos centrados nessa abordagem. Viu et al. (2010) atribuíram essa condição ao papel que as mulheres desempenham no ambiente doméstico, seja com as próprias atividades do lar, ou com a supervisão dos seus filhos. Também, Calábria et al. (2008) evidenciam a relevância delas na recepção e na

disseminação dos conhecimentos entre gerações. Isso se deve à participação delas nas práticas culturais com as plantas medicinais desde a infância. Entretanto, há casos ínfimos em que o homem ocupa posição de destaque como um contribuinte de informações relativas à fitoterapia (Ferreira et al., 2021; Ming; Amaral Junior, 2003).

De acordo com a pesquisa de Gabriel Neto e Gomes (2018) sobre o levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população do município de Oliveira Fortes – MG, o conhecimento sobre o uso de plantas medicinais é uma cultura mais feminina do que masculina, e que, segundo as entrevistadas, por mais que o homem seja mais habilidoso na identificação de uma espécie vegetal, é a mulher, na maioria das vezes, que detêm as informações a respeito de quais propriedades as plantas possuem. A contribuição das avós, especialmente, está atrelada ao saber acumulado ao longo de suas vidas, cabendo-lhes o conhecimento de uma maior diversidade de plantas úteis para o tratamento de doenças (Hazanaki et al., 2000).

O processo de aprendizagem dos preparos a partir apenas da escuta foi citado por todos os entrevistados, isto é, 20 vezes. O aprendizado baseado na escuta e visualização foi mencionado 19 vezes. Escutar, visualizar e executar foi um processo de aquisição do conhecimento citado três vezes, e a aprendizagem por meio do acesso a livros ou revistas teve uma menção. Todos consideram importante passar este conhecimento e o fazem, especialmente, por meio da oralidade.

Alguns trabalhos abordaram a origem do conhecimento relacionado às plantas medicinais, bem como a forma de transmissão dele, evidenciando a importância, principalmente, dos núcleos familiares nesse processo e, em menor constância, mas com representatividade, dos materiais consultivos e pessoas próximas, como amigos, vizinhos, entre outros (Melo; Santos; Ferreira, 2021; Santos, Léda, Talgatti, 2023).

A divisão do trabalho e a convivência constante entre os membros da família possibilitam a troca de experiências, valores e saberes, os quais são percebidos de forma diferente entre homens e mulheres. Comumente, o conhecimento relacionado às plantas medicinais é repassado das mulheres mais velhas para as mais novas (Ceolin et al., 2011).

Em um trabalho feito por Alves et al. (2015), sobre o conhecimento popular das plantas medicinais e do cuidado da saúde primária em São José de Miridu/RN, destacou-se a participação principal dos mais velhos como agentes de transmissão do conhecimento relacionado à fitoterapia, corroborando com os resultados deste trabalho.

A fitoterapia popular e suas confluências

No que diz respeito à importância do uso das plantas medicinais para os entrevistados, tem-se uma preferência por usá-las a depender da doença ou mal-estar, sendo pouco comum a escolha de remédios sintéticos como via de recurso primário. A motivação de uso das plantas medicinais relaciona-se à confiança na cura com o uso delas e por serem de menor impacto à saúde. Freitas et al. (2022), em uma abordagem sobre etnobotânica de plantas medicinais na comunidade Nossa Senhora Aparecida, em Acará (PA), citam, dentre os fatores que motivaram os moradores a usarem os fitoterápicos, a falta de dinheiro, questões culturais, menos efeitos colaterais e a própria necessidade de uso deles.

As informações intrínsecas às plantas medicinais citadas na pesquisa estão sintetizadas no Quadro 1, de acordo com os nomes populares, finalidade de uso, combinações sugeridas, local de obtenção, partes vegetais utilizadas e formas de preparo.

Das 32 etnoespécies medicinais listadas pelos moradores, as principais citadas foram hortelã, que é utilizada majoritariamente para problemas gripais e correlatos, seguidas por mastruz, pirarucu e vick, todas com os mesmos números de citações, sendo descritas para problemas intestinais, pulmão, catarro, gastrite e inflamações. Em um estudo que abordou o levantamento e concordância de uso principal de plantas medicinais em Breu Branco, Pará, Duarte e Tatagiba (2021) destacaram a hortelã como uma das principais plantas utilizadas no combate à gripe.

Corroborando com este trabalho, Guterres et al. (2022), por meio de revisão de literatura a respeito de chás de ervas medicinais mais utilizados popularmente no estado do Pará, destacaram o uso do matruz como expectorante e para o tratamento de pneumonia. Em relação ao uso da vick, também se verificou as mesmas indicações, isto é, para a gripe, em um trabalho sobre levantamento etnobotânico de plantas medicinais comercializadas no município de Urucará, PA (Cajaiba et al., 2016). Outros estudos de levantamento etnobotânico realizados em Cametá (PA) e Abaetetuba (PA), evidenciaram a utilização das folhas de pirarucu para tratamento de inflamações e problemas no estômago (Durão; Costa; Medeiros, 2021; Leal et al., 2019). Esses registros demonstram a similaridade dos usos das espécies que se destacam em localidades rurais no Pará.

Quadro 1 – Informações sobre as plantas utilizadas como medicinais citadas pelos entrevistados da comunidade quilombola São José do Jacarequara, Acará, PA. Frequência (Freq.); PPU (Partes das Plantas Utilizadas); Preparação Obtida (PO).

Planta	(Freq.)	Finalidade	Origem	PPU	(PO)
Açafrão	1	Verruga	Quintal	Batata	Esfregando
Agrião	2	Urina; Gripe	Quintal	Folhas	Chá
Alfavacão	2	Gripe	Quintal	Folhas	Chá; Banho
Algodão	3	Catarro	Quintal	Folhas	Xarope; Chá
Alho	1	Dor de estômago	Quintal	Casca	Chá
Amora	2	Covid; Dor no corpo	Quintal	Folhas	Chá
Anador	4	Dor de estômago	Quintal	Folhas	Chá
Babosa	2	Ferimentos; contusão; anti-inflamatório	Quintal	Baba	Baba
Boldo	5	Cólica; Estômago	Quintal	Folhas	Chá; esfregaço
Caju	1	Infecção urinária	Quintal	Casca	Chá

Canela	1	Emagrecer	Quintal	Folhas	Chá
Casca de laranja	1	Dor de estômago	Quintal	Casca de laranja	Chá
Catinga de Mulata	1	Catapora	Quintal	Folhas	Chá
Coramina	4	Falta de ar; Palpitação; Calmante	Quintal	Folhas	Chá
Elixiparigorico	1	Estômago; Cólica	Quintal	Folhas	Chá
Erva Doce	1	Gripe	Comércio	Folhas	Chá
Espinheira Santa	1	Gastrite	Quintal	Folhas	Chá
Goiabeira	1	Anti-inflamatório	Quintal	Folhas	Chá
Hortelã	12	Gripe; Tosse; Catarro;	Quintal	Folhas	Chá; Lumbedor/ Xarope
Laranja	1	Estômago	Quintal	Casca	Chá
Limão	2	Gripe	Quintal	Fruto	Suco; Chá
Mastruz	6	Limpar o intestino; Pulmão; Catarro	Quintal	Folhas	Sumo; Chá; Suco
Moranga	1	Verruga	Quintal	Leite da folha	Esfregando
Pariri	1	Anemia	Plantado	Folhas	Garrafada
Pirarucu	6	Dor de estômago; Gastrite; Anti- inflamatório	Quintal	Folhas	Chá; Suco
Pucá	1	AVC	Quintal	Folhas	Chá
Unha de gato	1	Anti-inflamatório	Quintal	Casca	Chá
Uxi amarelo	1	Anti-inflamatório	Quintal	Casca	Chá
Verônica	4	Anemia; Anti- inflamatório	Quintal	Casca	Chá
Vick	6	Gripe	Quintal	Folhas	Chá/Inalação

Fonte: Elaboração pelos autores (2023).

No que diz respeito à etnoindicação das plantas medicinais em virtude de cada problema (sintomas ou doenças), destaca-se como os mais citados a gripe, problemas estomacais, catarro, inflamação e anemia (Quadro 2).

Quadro 2 – Etnoindicações e espécies utilizadas na comunidade quilombola São José do Jacarequara, Acará, PA.

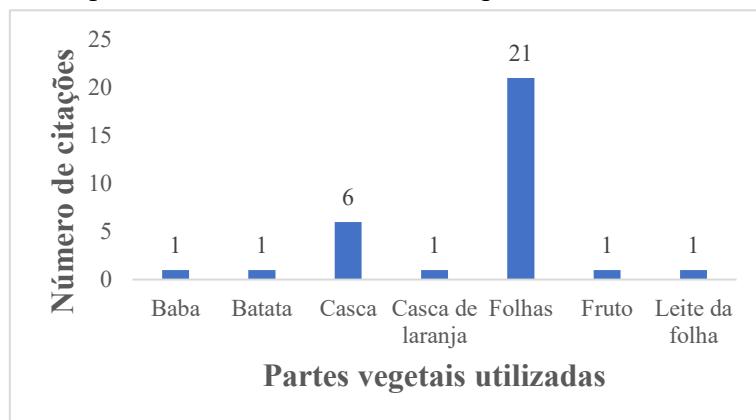
Etnoindicação	Nº de citações	Nº de espécies citadas	Espécies citadas ¹
Anemia	4	2	Verônica (3); Pariri (1)
Anti-inflamatório	9	6	Verônica (4); Babosa (1); Uxi amarelo (1); Unha de gato (1); Goiabeira (1); Pirarucu (1)
Catarro	8	3	Hortelã (3); Algodão (3); Mastruz (2)
Estômago	16	7	Pirarucu (4); Boldo (4); Anador (4); Casca de laranja (1); Alho (1); Laranja (1); Elixirparigórico (1)
Gripe	19	6	Hortelã (7); Vic (6); Alfavacão (2); Limão (2); Agrião (1); Erva doce (1)

Fonte: Elaboração pelos autores (2023).

A anemia e inflamações tiveram a planta verônica como a mais citada. Estudos realizados nos municípios Santarém (PA) e Abaetetuba (PA) também constataram esta planta como uma das mais utilizadas para os mesmos fins (Pereira; Ferreira, 2017; Almeida et al., 2013). No trabalho de Pauli et al. (2018), que consistiu em um estudo etnobotânico de plantas medicinais em bairros de Juína (MG), apontou-se a hortelã e o algodão como um dos mais citados para o tratamento de problemas gripais e aqueles relacionados ao catarro, assim como descrito neste trabalho. Santos et al. (2019), ao estudarem a etnobotânica da flora medicinal de quintais na comunidade Mamangal, Igarapé-Miri, PA, também verificaram a indicação em destaque das plantas pirarucu, boldo e anador para problemas relacionados ao estômago.

As partes das plantas referidas como mais utilizadas foram as folhas e as cascas de caules. Além dessas, citou-se, apenas uma vez como recursos também obtidos das plantas, a baba, batata (tubérculo), casca de laranja, leite de folha e fruto (Figura 2).

Figura 2 – Partes vegetais utilizadas segundo o número de citações na comunidade quilombola São José do Jacarequara, Acará/PA.



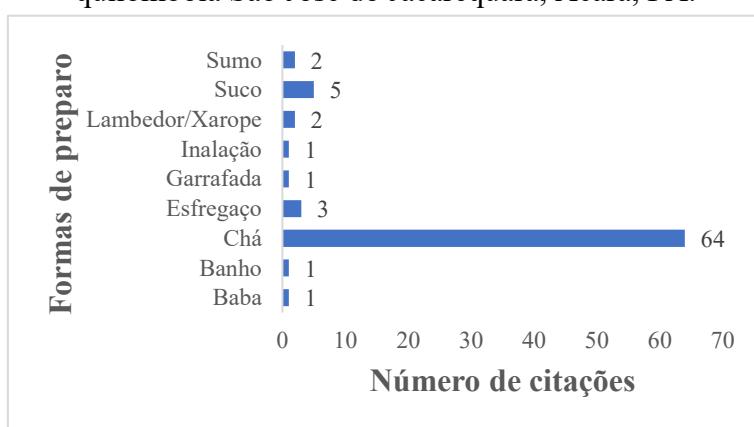
Fonte: Elaboração pelos autores (2023).

¹ Estão organizadas da mais importante para a menos importante, em cada linha, com base no número de citações entre parênteses.

Em um trabalho sobre plantas medicinais, usos e memória na Aldeia do Cajueiro, Pará, Silva et al. (2020) também concluíram que as folhas são os órgãos mais usados nos preparos, e as cascas assumem posição secundária. A justificativa da preferência no uso desta parte das plantas pode estar relacionada à facilidade de coleta e a disponibilidade durante a maior parte do ano (Alves; Silva; Nóbrega Alves, 2008), à regeneração constante desde que respeitada a fisiologia do indivíduo (Belizário; Silva, 2012) e à localização da maioria dos princípios ativos (Santos et al., 2008).

A forma de preparo predominante entre os entrevistados foi o chá, mas também outras formas foram evidenciadas, como esfregaços, xaropes, sucos, sumo, garrafada e banho (Figura 3).

Figura 3 - Formas de preparo segundo o número de citações na comunidade quilombola São José do Jacarequara, Acará, PA.



Fonte: Elaboração pelos autores (2023).

Ferreira, Lebuino e Santos (2021), ao fazerem um estudo etnobotânico sobre plantas medicinais de uso tradicional na região Sul paraense, constataram o chá como principal forma de preparo entre os moradores. Simões et al. (2021) destacaram resultados semelhantes, nos quais o chá é a principal forma de preparo, sendo descrito como uma preparação rápida e simples.

Segundo Cunha, Silva e Roque (2003), as partes vegetais comumente usadas para o preparo de chás possuem vários compostos químicos, como alcaloides, glicídios, cumarinas, flavonoides, iridoides, naftoquinonas, entre outros. Um fato relevante considerado é que, quando utilizados de maneira indiscriminada e contínua, os chás podem causar toxidez no organismo do usuário. Assim, é indispensável a orientação correta para a posologia e o consumo desses produtos.

Embora o chá tenha sido fortemente evidenciado, as especificidades sobre o reconhecimento popular para a presença de alguns princípios ativos em partes específicas da planta levam a outras elaborações, como as destacadas nesta pesquisa. Oliveira (2015) também evidenciou, dentre as formas de preparo, além do chá, o banho, o xarope, o suco, o sumo, entre outras.

Esses saberes inventariados sobre o que e como usar representam histórias de cuidado, que intergeracionalmente têm sido preservadas e reelaboradas conforme o ambiente em que as

pessoas estão circunscritas, revelando uma plasticidade cognitiva na construção do conhecimento que se ressignifica para (re)existir.

CONCLUSÃO

Na comunidade São José do Jacarequara, em Acará/PA, constatou-se a relevância das plantas medicinais como recursos terapêuticos no cuidado com a saúde dos moradores. Observou-se que essas plantas são amplamente utilizadas e valorizadas pela população local, com conhecimentos sobre seu valor medicinal, formas de uso, doenças tratadas e a frequência de ocorrência nos quintais das famílias.

A partir do estudo, conclui-se que há predominância das mulheres no que diz respeito ao conhecimento das plantas medicinais. A maior parte da produção das plantas é feita nos próprios quintais. A hortelã foi a planta mais citada, cuja finalidade principal é o tratamento de problemas gripais. O conhecimento sobre as plantas medicinais e a transmissão dele são feitos, principalmente, dentro do núcleo familiar. As folhas constituíram a parte vegetal mais utilizada nos preparos, seguidas pelas cascas. O chá representou a forma de preparo predominante.

Considerando as informações apresentadas, é evidente o valor dos conhecimentos tradicionais sobre o uso de plantas medicinais que estão presentes nas famílias da comunidade estudada. Esses conhecimentos não apenas enriquecem a ciência, mas também desempenham um papel crucial no repasse de informações para as futuras gerações, garantindo a preservação desse importante patrimônio cultural. É fundamental que esses saberes sejam mantidos, protegidos e valorizados para mitigar a perda dessas sabedorias que resultam de uma artesania que lugarizam existências.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; ALENCAR, N. L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P. de; LUCENA, R. F. P. de; CUNHA, L. V. F. C. da. (Orgs.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. Recife, PE: NUPPEA, 2010. p. 41-64.

ALMEIDA, L. S. de.; GAMA, J. R. V.; OLIVEIRA, F. de A.; FERREIRA, M. do S. G.; MENEZES, A. J. E. A. de.; GONÇALVES, D. C. M. Uso de espécies da flora na comunidade rural Santo Antônio, BR-163, Amazônia brasileira. **Floresta e ambiente**, v. 20, p. 435-446, 2013.

ALVES, J. J. P.; LIMA, C. C. de; SANTOS, D. B.; BEZERRA, P. D. F. Conhecimento popular sobre plantas medicinais e o cuidado da saúde primária: um estudo de caso da comunidade rural de Mendes, São José de Mipibu/RN. **Carpe Diem: Revista Cultural e Científica do UNIFACEX**, v. 13, n. 1, p. 136-156, 2015.

ALVES, R. R. N.; SILVA, C. C. da.; NÓBREGA ALVES, H. Aspectos socioeconômicos do comércio de plantas e animais medicinais em áreas metropolitanas do Norte e Nordeste do Brasil. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v. 8, n. 1, p.181-189, 2008.

AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. L. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 4, v. 1, p. 47-131, 1988.

AMOROZO, M.C.M. Uso e Diversidade de Plantas Medicinais em Santo Antônio do Leverger MT, Brasil. **Acta Botânica Brasílica**, v. 16, n. 2, p.189-203, 2002.

BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa *snowball* (bola de neve). **REMEA-Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 27, 2011.

BATISTA, L. M.; VALENÇA, A. M. A. Fitoterapia no Âmbito da Atenção Básica no SUS: Realidades e Perspectivas. **Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada**, 12, 293-296, 2012.

BELIZÁRIO, T. L.; SILVA, L. A. Abordagem etnobotânica no tratamento de parasitoses em comércios de fitoterápicos e numa comunidade rural em Uberlândia-MG. **Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer**, Goiânia, v.8, n. 15, p.1730-1739, 2012.

BENINI, E. B.; SARTORI, M. A. B.; BUSCH, G. C.; REMPEL, C.; SCHULTZ, G.; STROHSCHOEN, A. A. G. Valorização da flora nativa quanto ao potencial fitoterápico. **Revista Destaques Acadêmicos**, v. 2, n. 3, p. 11-17, 2010.

BOCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em *snowball* (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, v. 22, n. 1, 2021.

CAJAIBA, R. L.; SILVA, W. B. da.; SOUSA, R. D. N. de.; SOUSA, A. S. de. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais comercializadas no município de Uruará, Pará, Brasil. **Biotemas**, v. 29, n. 1, p. 115-131, 2016.

CALÁBRIA, L.; CUBA, G. T.; HWANG, S. M.; MARRA, J. C. F.; MENDONÇA, M. F.; NASCIMENTO, R. C.; OLIVEIRA, M. R.; PORTO, J. P. M.; SANTOS, D. F.; SILVA, B. L.; SOARES, T. F.; XAVIER, E. M.; DAMASCENO, A. A.; MILANI, J. F.; REZENDE, C. H. A.; BARBOSA, A. A. A.; CANABRAVA, H. A. N. Levantamento etnobotânico e etnofarmacológico de plantas medicinais em Indianópolis, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 10, n. 1, p. 49-63, 2008.

CEOLIN, T.; HECK, R. M.; BARBIERI, R. L.; SCHWARTZ, E.; MUNIZ, R. M.; PILION, C. N. Medicinal plants: knowledge transmission in families of ecological farmers in Southern Rio Grande do Sul. **Rev Esc Enferm da USP**, v. 45, p. 47 – 54, 2011.

COSTA, P. **Estudo etnobotânico de plantas antimaláricas na comunidade Céu do Mapiá, Pauini-AM**. 2013. 110 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Farmacêuticas) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

CUNHA, A.P.; SILVA, A.P.; ROQUE, O. R. **Plantas e produtos vegetais em fitoterapia**. 1. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. 303p.

DUFRESNE, C. J.; FARNWORTH, E.R. A review of latest research findings on the health promotion properties of tea. **The Journal of Nutritional Biochemistry**. New York, v. 12, n. 7, p. 404-421, jul. 2001.

DURÃO, H. L. G.; COSTA, K. G. da; MEDEIROS, M. Etnobotânica de plantas medicinais na comunidade quilombola de Porto Alegre, Cametá, Pará, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi-Ciências Naturais**, v. 16, n. 2, p. 245-258, 2021.

FEIJÓ, E.V.R.S.; PEREIRA, A. S.; SOUZA, L. R.; SILVA, L. A. M.; COSTA, L. C. B. Levantamento preliminar sobre plantas medicinais utilizadas no bairro Salobrinho no município de Ilhéus, Bahia. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v.15, n.4, p.595-604, 2013.

FERREIRA, L. B.; RODRIGUES, M. O.; COSTA, J. M. Etnobotânica das plantas medicinais cultivadas nos quintais do bairro de Algodoal em Abaetetuba/PA. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 254-267, 2017.

FERREIRA, M. V.; LEBUINO, L. P.; SANTOS, J. S. Plantas medicinais de uso tradicional na região sul paraense: um estudo etnobotânico. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 12, p. 1 - 11, 2021.

FERREIRA, S. A. M.; SILVA, D. R.; OLIVEIRA, P. A. P.; SOUZA, P. H. S. de; RODRIGUES, A. C.; SILVA, A. C. B. da. Plantas medicinais: conhecimento e uso por usuários de Unidades Básicas de Saúde em Araruna-PB, Brasil. **Archives of Health Investigation**, v. 10, n. 8, p. 1231-1236, 2021.

FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA, S. S. S.; AZEVEDO, R. A. B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, v. 10, n. 1, p. 48-48, 2012.

FREITAS, C. G. de; VASCONCELOS, J. C.; ROSAL, L. F.; MELO, A. T. M. de. SABERES ETNOBOTÂNICOS SOBRE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE NOSSA SENHORA APARECIDA, ASSENTAMENTO BENEDITO ALVES BANDEIRA, ACARÁ-PA. **Ethnoscientia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology**, v. 7, n. 1, p. 2-18, 2022.

GONÇALVES, J.; LUCAS, F. C. Agrobiodiversidade e etnoconhecimento em quintais de Abaetetuba, Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 119–34, 2017.

GUTERRES, A. da S.; PEREIRA, C. de S.; BARROS, E. R. R.; AGUIAR, M. M.; MAIA, A. M.; FERREIRA, E. V. M.; FERREIRA SOUZA, de G.; ROCHA, A. L. A. Chás de ervas medicinais mais utilizados popularmente no estado do Pará: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Development**, v. 8, n. 4, p. 31075-31083, 2022.

HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J. Y.; LEITÃO FILHO, H. F.; BEGOSSI, A. Diversity of plant uses in two Caiçara communities from the Atlantic Forest coast, Brazil. **Biodiversity and Conservation**, v. 9, p. 597 - 615, 2000.

LEAL, J. B.; SILVA, M. M. da; COSTA, J. M.; ALBUQUERQUE, L. C. da S.; SOUSA, R. L. de. Etnobotânica de plantas medicinais com potencial anti-inflamatório utilizadas pelos moradores de duas comunidades no município de Abaetetuba, Pará. **Biodiversidade**, v. 18, n. 3, 2019.

LEANDRO, Y. A. da S.; JARDIM, I. N.; GAVILANES, M. L. Uso de plantas medicinais nos cuidados de saúde dos moradores de assentamento no município de Anapu, Pará, Brasil. **Biodiversidade**, v. 16, n. 2, p. 30- 44, 2017.

LINS, M. da P. G.; MEDEIROS, V. M. de. Avaliação do uso de plantas medicinais no tratamento de doenças gastrointestinais na cidade de Nazarezinho-PB. **Revista Interdisciplinar em Saúde**, Cajazeiras, v. 2, n. 1, p. 75-98, 2015.

LOK, R.; MENDEZ, E. El uso del ordenamiento local del espacio para una clasificación de huertos na Nicaragua. In: LOK, R. (**Huertos tradicionales de América Central**: características, beneficios e importancia, desde um enfoque multidisciplinario. Turrialba: CATIE, 1998. p.129-49.

MAIA, E. S.; BOOTH, M. C.; PROQUE, D. R. O uso de plantas medicinais na cidade de Oeiras do Pará: uma pratica agroecológica. **Cadernos de Agroecologia**, v. 10, n. 3, 2236-2241, 2016.

MAIA, S. Plantas medicinais encontradas nos quintais urbanos de Ponta Porã região de fronteira. **Caderno Magsul de Ciências Biológicas**, Ponta Grossa, v. 5, n. 2, p. 24–7, 2017.

MELO, P. M. C. de O.; SANTOS, R. da S.; FERREIRA, M. C. Dinâmicas de conhecimento e uso de plantas medicinais em um assentamento rural de Belém do Pará-PA. **Rodriguésia**, v. 72, p. 1 – 14, 2021.

MING, L.C.; AMARAL JUNIOR, A. Ethnobotanical aspects of medicinal plants in the Chico Mendes Extractive Reserve. In: DALY, D.; SILVEIRA, M. (Org.). **Floristics and Economic Botany of Acre, Brazil**. New York: The New York Botanical Garden, 2003. p.1-38.

MOURA, P.; LUCAS, F. C.; TAVARES-MARTINS, A. C.; LOBATO, G.; GURGEL, E. S. Etnobotânica de chás terapêuticos em Rio Urubueua de Fátima, Abaetetuba – Pará, Brasil. **Biomas**, Santa Catarina, v. 29, n. 2, p. 77–88, 29 jul. 2016.

NASCIMENTO, J. dos S.; CARVALHO, I. de O.; PARREIRA, M. C.; XAVIER JUNIOR, S. R.; ALMADA, D. A.; FERREIRA, W. M.; MELO, F. T. de V. Aspectos etnobotânicos da fitoterapia popular na comunidade quilombola Conceição de Mirindeua, Moju-Pa. **Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável**, v. 10, n. 1, p. 92-103, 2020.

NETO, L. A. G.; GOMES, F. T. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela população do município de Oliveira Fortes-MG. **Biológicas & Saúde**, v. 8, n. 27, 2018.

OAKLEY, E. Quintais domésticos: uma responsabilidade cultural. **Agriculturas**, n.1, p.37-39, 2004.

OCKORNI, B. R. S.; GOMES, A. F. A amostragem em *snowball* (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração. **Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./jun. 2021.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM-NETO, G. Estudo etnobotânico na Comunidade de Conceição-Açu (Alto da Bacia do Rio Aricá Açu, MT, Brasil). **Acta Botânica Brasilica**, v.19, n.2, p.195-207, 2005.

PAULI, P. T.; RIOS, R. S.; BIESKI, I. G. C.; SILVA, J. S. Estudo etnobotânico de plantas medicinais em bairros de Juína, Mato Grosso, Brasil. **Revista Saúde Viva Multidisciplinar da AJES**, v. 1, n. 1, ago./dez. 2018.

PEREIRA, M. das G. da S. FERREIRA, M. C. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará. **Biota Amazônia**, v. 7, n. 3, p. 57-68, 2017.

PEREIRA, M. G. S.; COELHO-FERREIRA, M. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola na Amazônia Oriental, Abaetetuba, Pará. **Biota Amazônia**, v. 7, n. 3, 57-68, 2017.

OLIVEIRA, L. R. de. Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável**, V. 10, N. 3, p. 25-31, 2015.

RIBEIRO, R.; GUARIM NETO, G. O universo das espécies vegetais da comunidade ribeirinha de passagem da conceição, várzea grande, MT, Brasil. **Boletim do Grupo de Pesquisa da Flora, Vegetação e Etnobotânica**, Várzea Grande, v. 1, n. 8, p.1–16, 2016.

ROCHA, F. A.; ARAÚJO, M. F.; COSTA, N. D.; SILVA, R. P. O Uso Terapêutico Da Flora Na História Mundial. **Holos**, v. 1, p. 49-61. 2015.

SANTOS, A. C. P. dos; OLIVEIRA, L. P. H.; TALGATTI, D. M. Estudo etnobotânico de plantas medicinais utilizadas no tratamento de distúrbios urinários no município de Oriximiná-Pará, Brasil. **Revista Fitos**, v. 17, n. 1, p. 29-52, 2023.

SANTOS, E. Q.; COSTA, J. F. S.; PEREIRA, M. G. S.; COSTA, J. M.; SOUSA, R. L. de. Etnobotânica da flora medicinal de quintais na comunidade Mamangal, Igarapé-Miri, Pará. **Scientia Plena**, v. 15, n. 5, 2019.

SANTOS, J. F. L.; AMOROZO, M. C. M. MING, L. C. Uso de plantas medicinais na comunidade rural da vargem grande, município de Natividade da Serra, SP. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, V.10, n.3, p.68-81, 2008.

SANTOS, R. L.; GUIMARÃES, G. P.; NOBRE, M. S.; PORTELA A. D. Análise sobre a fitoterapia como prática integrativa no Sistema Único de Saúde. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 13, p. 486-491, 2011.

SARAIVA, S. R.; SARAIVA, H. C.; OLIVEIRA JUNIOR, R. G. de; SILVA, J. C.; DAMASCENO, C. M.; SILVA, J. R. A. da; AMORIM, E. L. A implantação do programa de plantas medicinais e fitoterápicos no sistema público de saúde no brasil: uma revisão de literatura. **Revista Interdisciplinar de Pesquisa e Inovação**, v. 1, n. 1, 2015.

SILVA, É. A. B. da; CONCEIÇÃO, M. D. de S. DA; GOIS, M. A. F.; LUCAS, F. C. A. Plantas medicinais, usos e memória na Aldeia do Cajueiro, Pará. **Gaia Scientia**, v. 14, n. 3, p. 31-50, 2020.

SILVA, M. das G. da.; OLIVEIRA, R. E.; FREITAS. L. L. de. COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA AMAZÔNIA: resistência e reafirmação de territórios ancestrais para a reprodução da existência. **Revista de Políticas Públicas**, v. 25, n. 2, p. 565-584, 2021a.

SILVA, M. das G. da.; OLIVEIRA, R. E.; FREITAS. L. L. de. COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA AMAZÔNIA: resistência e reafirmação de territórios ancestrais para a reprodução da existência. **Revista de Políticas Públicas**, v. 25, n. 2, p. 565-584, 2021b.

SIMÕES, M. C.; TEIXEIRA, L.C.; CARDOSO, M. B. S.; RIBEIRO, K. R.; MACHADO, A. L. M.; PEREIRA, M. F. B. C. O Conhecimento Tradicional para Construção de uma Horta Medicinal em Salvaterra, Ilha de Marajó, Pará. **Holos**, v. 4, p. 1-12, 2021.

TATAGIBA, S. D.; DUARTE, L. R. Levantamento e concordância de uso principal de plantas medicinais em comunidade do sudeste paraense. **AGROPECUÁRIA CIENTÍFICA NO SEMIÁRIDO**, v. 17, n. 3, p. 169-178, 2021.

VÁSQUEZ, S. P. F.; MENDONÇA, M. S. de; NODA, S. do N. Etnobotânica de plantas medicinais em comunidades ribeirinhas do Município de Manacapuru, Amazonas, Brasil. **Acta amazônica**, v. 44, p. 457-472, 2014.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo:** guia prático DRP. Brasília: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2010.

VIU, A. F. M.; VIU, M. A. O.; CAMPOS, L. Z. O. Etnobotânica: uma questão de gênero? **Revista Brasileira de Agroecologia**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 138-147, 2010.

XIPAIA, A. P.; PARENTE, F. A. de; BARROS, F. B. As plantas medicinais na vida de mulheres indígenas Xipaya e Kuruaya: histórias, conhecimentos tradicionais e usos na cidade de Altamira, Pará. **Ellus**, Campo Grande, MS, ano 22, n. 47, p. 137-164, jan./abr. 2022.

HISTÓRICO

Submetido: 23 de Julho de 2025.

Aprovado: 12 de Agosto de 2025.

Publicado: 23 de Agosto de 2025.

COMO CITAR O ARTIGO – ABNT

GUIMARÃES, J. J. do V.; NASCIMENTO, R. L.; ROSAL, L. F. Etnobotânica sobre plantas medicinais de conhecedores locais de São José do Jacarequara, Pará. **FLOVET - Flora, Vegetação e Etnobotânica**, Cuiabá (MT), v. 3, n. 14, e2025022, 2025.